

## **Le Corbusier *voyageur* - arquivos de uma experiência arquitetônica**

Daniela O. dos SANTOS\*, Mário Luis C. P. de MAGALHÃES<sup>a</sup>

\*Doutoranda pela Eidgenössische Technische Hochschule Zürich, gta- D-ARCH/ETH

Furkastrasse 15, cep 8048, Zurique - Suíça  
email: danielaortiz@ig.com.br

<sup>a</sup> Doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Urbanismo, PROURB-FAU-UFRJ

## Resumo

Este artigo explora os sentidos atribuídos por Le Corbusier às suas viagens e a relação destas com sua reflexão acerca da experiência arquitetônica. A sua viagem ao Brasil é um momento privilegiado nesta análise. Por ocasião de sua primeira viagem para a América e ao Brasil em 1929, Le Corbusier elabora uma série de 10 palestras que conformam o corpo do livro *Precisões*, publicado em 1930. Invariavelmente, tomamos o seu 'Corolário Brasileiro' como associado ao seu 'Prólogo Americano', corolário mesmo desta experiência de viagem à América.

Muito já se escreveu sobre a relevância da experiência do lugar – o Rio de Janeiro em particular – na produção destes escritos. Sem querer de forma alguma reduzir o impacto do lugar, pensamos, contudo, em focar a produção destes textos a partir da lente do tempo. Daí tomarmos a experiência americana e brasileira como um tempo forte da vida de Le Corbusier. Esta mudança de enfoque nos permite reconhecer o par ruptura-singularidade da experiência americana, mas ao mesmo passo nos alerta para as diferentes temporalidades dos diversos processos que contribuíram para que esta experiência seja, de fato, singular.

Ora, não foi Le Corbusier um viajante contumaz, intensamente afeito às narrativas de viagem? Ao completar cem anos de sua viagem do Oriente, não cabe nos perguntarmos o que esta guarda de identidade e diferença com aquela do Brasil? Talvez possamos até ousar pensar, como hipótese, que o 'Corolário Brasileiro' diga respeito a uma extensão de tempo e lugar mais vasta que aquela da experiência americana. Talvez seja antes o corolário de uma 'busca paciente' (*recherche patiente*) que se estende por várias décadas e diferentes geografias. Uma busca que nasce Jeanneret e se completa Le Corbusier – Le Corbusier, *'homme de lettres'* – como consta de seu passaporte; Le Corbusier, *voyageur*.

**Palavras-Chave:** Le Corbusier, Brasil, viagens, vanguardas modernas

## 1. Introdução

*‘Estamos em pleno verão tropical, o sol é magnífico; os dois juntos, durante a semana que passou, criaram diante de meus olhos, a inesquecível, a entusiasmante magia do Rio de Janeiro’.* Le Corbusier. *Prólogo Americano*, 1929.

Por ocasião de sua primeira viagem para a América e ao Brasil em 1929, Le Corbusier elabora uma série de 10 palestras que conformam o corpo do livro *Precisões*, publicado em 1930. Invariavelmente, tomamos o seu ‘Corolário Brasileiro’ como associado ao seu ‘Prólogo Americano’, corolário mesmo desta experiência de viagem à América<sup>1</sup>.

Muito já se escreveu sobre a relevância da experiência do lugar – o Rio de Janeiro em particular – na produção destes escritos. Sem querer de forma alguma reduzir o impacto do lugar, pensamos, contudo, ao focar a produção destes textos a partir da lente do tempo. Daí tomarmos a experiência americana e brasileira como um tempo forte da vida de Le Corbusier. Esta mudança de enfoque nos permite reconhecer o par ruptura-singularidade da experiência americana, mas ao mesmo passo nos alerta para as diferentes temporalidades dos diversos processos que contribuíram para que esta experiência seja, de fato, singular.

Ora, não foi Le Corbusier um viajante contumaz, intensamente afeito às narrativas de viagem? Ao completar cem anos de sua viagem do Oriente, não cabe nos perguntarmos o que esta guarda de identidade e diferença com aquela do Brasil? Talvez possamos até ousar pensar, como hipótese, que o ‘Corolário Brasileiro’ diga respeito a uma extensão de tempo e lugar mais vasta que aquela da experiência americana. Talvez seja antes o corolário de uma ‘busca paciente’ (*recherche patiente*) que se estende por várias décadas e diferentes geografias. Uma busca que nasce Jeanneret e se completa Le Corbusier – Le Corbusier, ‘*homme de lettres*’ – como consta de seu passaporte; Le Corbusier, *voyageur*.

## 2. A viagem como aventura

Este presente ano de 2011 completa o centenário da viagem que Le Corbusier chamou *d’Orient*, que oficialmente inicia-se em Berlin, atravessando à região dos Bálcãs, às cidades como Istambul e Atenas, bem como à região da Toscana. Como Margareth Pereira já nos mostra em seus estudos sobre Le Corbusier, os registros feitos na época

---

<sup>1</sup> O ‘Prólogo Americano’, escrito a bordo do *Lutécia* em dezembro de 1929 foi publicado como prefácio no livro *Precisões*. Já o texto ‘Corolário Brasileiro’, foi a conferência realizada no Rio de Janeiro em 8 de dezembro de 1929 e publicada como pós-fácio no livro de mesmo nome

pelo jovem suíço, ainda sob o nome de Charles-Édouard Jeanneret-Gris, revelam ‘o seu primeiro esforço em ordenar observações e impressões pensando em um potencial leitor’<sup>2</sup>.

De fato, já no século XIX e, sobretudo nas primeiras décadas do século XX, os relatos de grandes aventuras de travessias oceânicas ou dos Alpes foram sendo publicados cada vez mais em maior número. As editoras inglesas e francesas, por exemplo, vão publicar em série os registros e cadernos de viagens dos mais diversos troteiros. Entre as publicações que encantaram o jovem Jeanneret encontramos *Voyages en Zigzag* de Rodolphe Töpffer, os relatos de John Ruskin, *Les Matins à Florence*<sup>3</sup> e *Voyage en Italie*<sup>4</sup> de Hyppolite Adolphe Taine<sup>5</sup>. Já em sua viagem à Toscana em 1907, o jovem Le Corbusier parece se posicionar face aos escritos que leva consigo, bem como das experiências com seu professor de desenho Charles L’Eplattenier durante os anos de estudo na *École d’art municipale* de La Chaux-de-Fonds, (1904-1907).

*“Dites à M. L’Eplattenier que j’attends pour lui écrire que les idées se soient un peu ordonnées que je [sui] lui suis immensément reconnaissant de son enseignement qui me permet de comprendre et de jouir. On ne peut voir ces merveilles sans toujours penser à lui, ici c’est une loi qu’il nous avait enseignée qui éclate subitement, là c’est autre chose.”*<sup>6</sup>

Em outra carta de outubro de 1907 aos seus pais, ele menciona se sentir ‘obrigado a se interessar por tudo’, visto que a arquitetura ‘abraçaria absolutamente tudo’ (Von MOOS, 2002, p. 27). De fato, Stanislaus von Moos já nos atenta para este momento de suspeição do jovem Le Corbusier e do seu processo de educação do olhar. Seria precisamente nestas viagens à Itália, num primeiro momento, e do Oriente, num segundo, que o jovem arquiteto estaria confrontando seus aprendizados e leituras com a experiência do lugar. Se, por um lado, seus guias de leituras, bem como as indicações de seu tutor, o ajuda a ‘ver as maravilhas’ da arte e da arquitetura toscana – seus desenhos ricos em detalhes da catedral de Siena ou do Palazzo Vecchio em Florença confirmam o seu esforço em olhar, registrar e, portanto, aprender a partir da observação ; por outro

---

<sup>2</sup> Margareth da Silva Pereira. Resenha da versão em português do livro viagem d’Oriente, publicado em 2007

<sup>3</sup> Versão em francês adquirida de 1906, cuja publicação em inglês, *Morning in Florence*, data de 1877

<sup>4</sup> 1866, edição em francês adquirida de 1907

<sup>5</sup> Von MOOS, 1968, c.2009; TURNER, 1977, c.1987

<sup>6</sup> Ch-E J. Carta escrita aos seus pais desde Florência, em 14 de setembro de 1907. Arquivo Fondation Le Corbusier, FLC, in: Jenger, 2002, p.34

lado, seus escritos indicam certa ‘desconfiança’ dos valores *a priori* e, começa a ‘fundar seu julgamento a partir das ‘experiências pessoais’.<sup>7</sup>

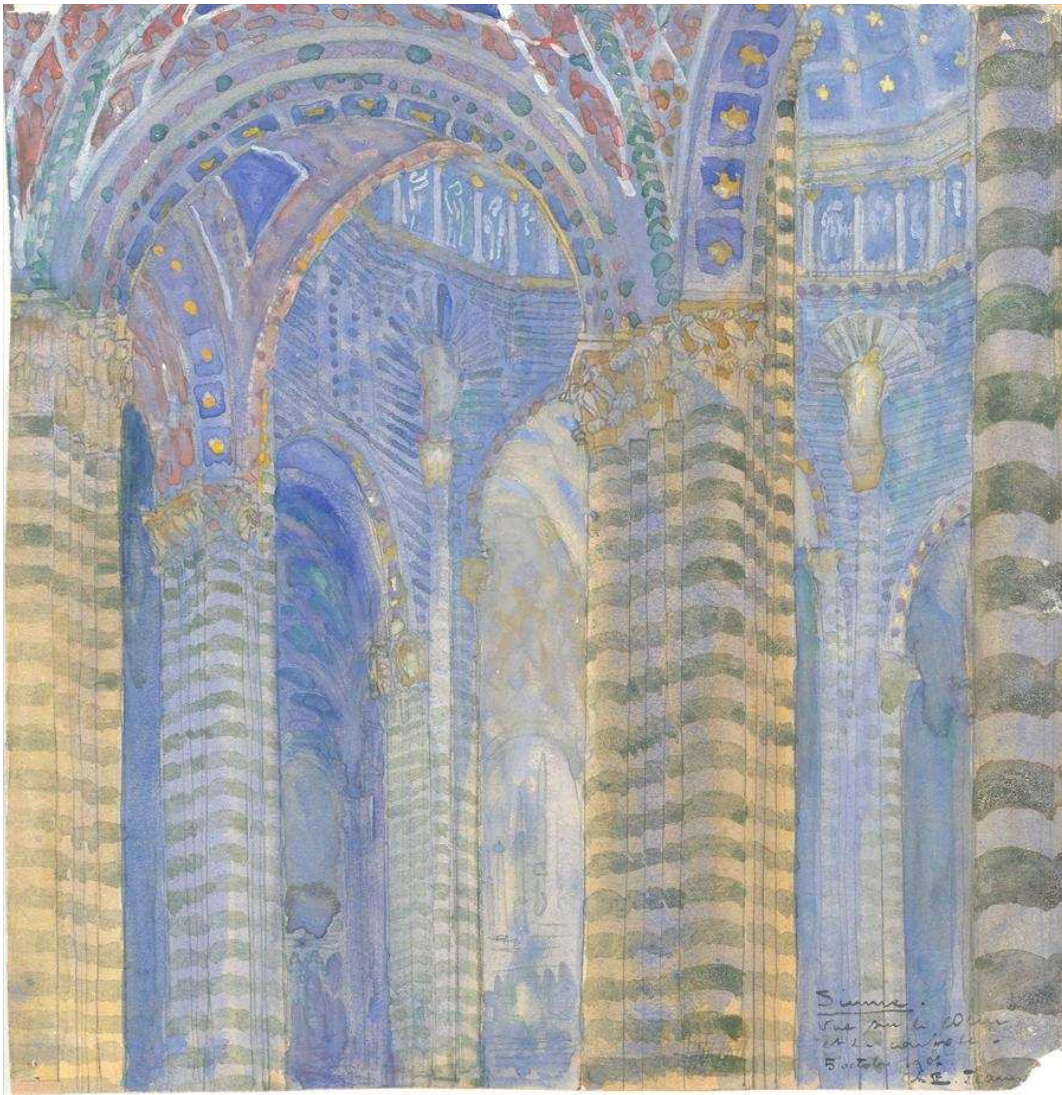


Figura1. Interior da Catedral de Siena, 1907 (FLC)

7

TURNER, 1977c.1987, p.49

### 3. “Soldado na linha de tiro”

Em suas viagens à Toscana, à Grécia, ao Brasil e inclusive à Índia, os *carnets de voyage* serão na maioria das vezes os lugares de suporte onde Le Corbusier desenhará e tomará notas. Contudo, percebemos uma interrupção no uso de *carnets* durante os anos de 1919 e 1929, em particular entre os cadernos da série ‘A’ e ‘B’, assim por ele próprio nomeado. Ou seja, apesar de viajar intensamente durante os anos 1920 pela Europa – à Roma em 1921, com seu amigo Amedée Ozenfant, ou ainda, por motivos de conferência, às cidades de Genebra, Lausanne, Praga, Madrid, Barcelona e Frankfurt ao longo da década – Le Corbusier não deixa relatos de sua passagens por estas cidades em formato de *carnets*.

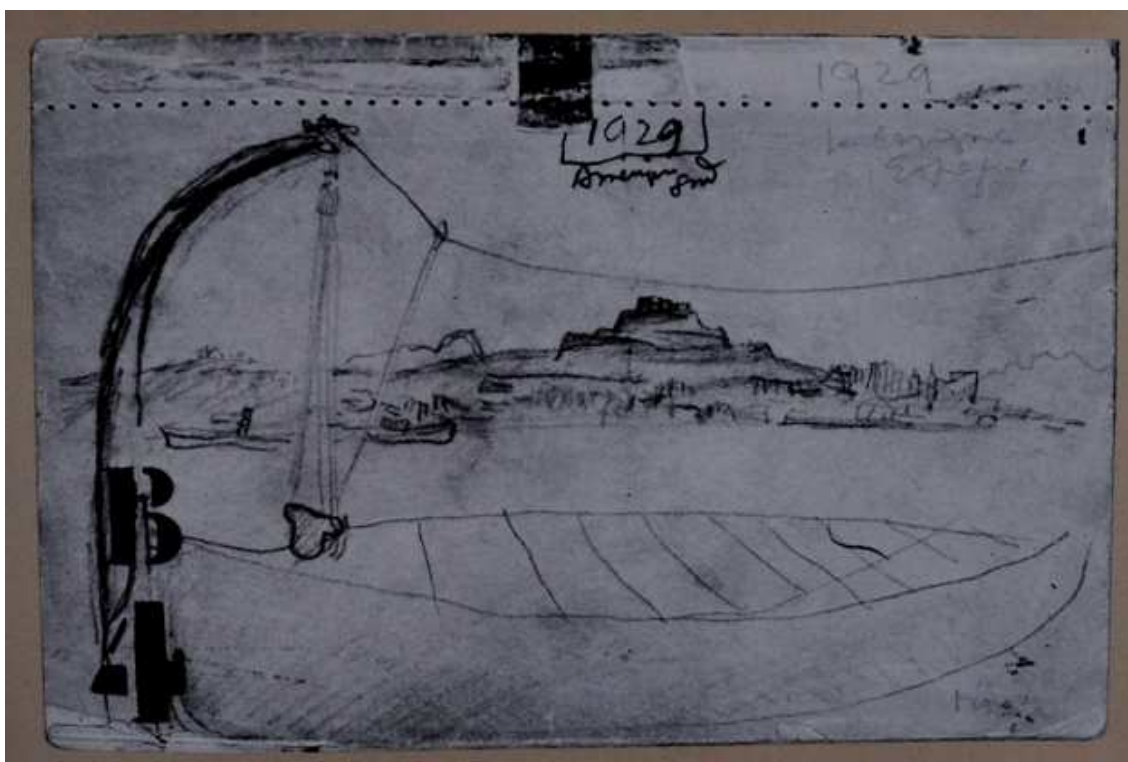
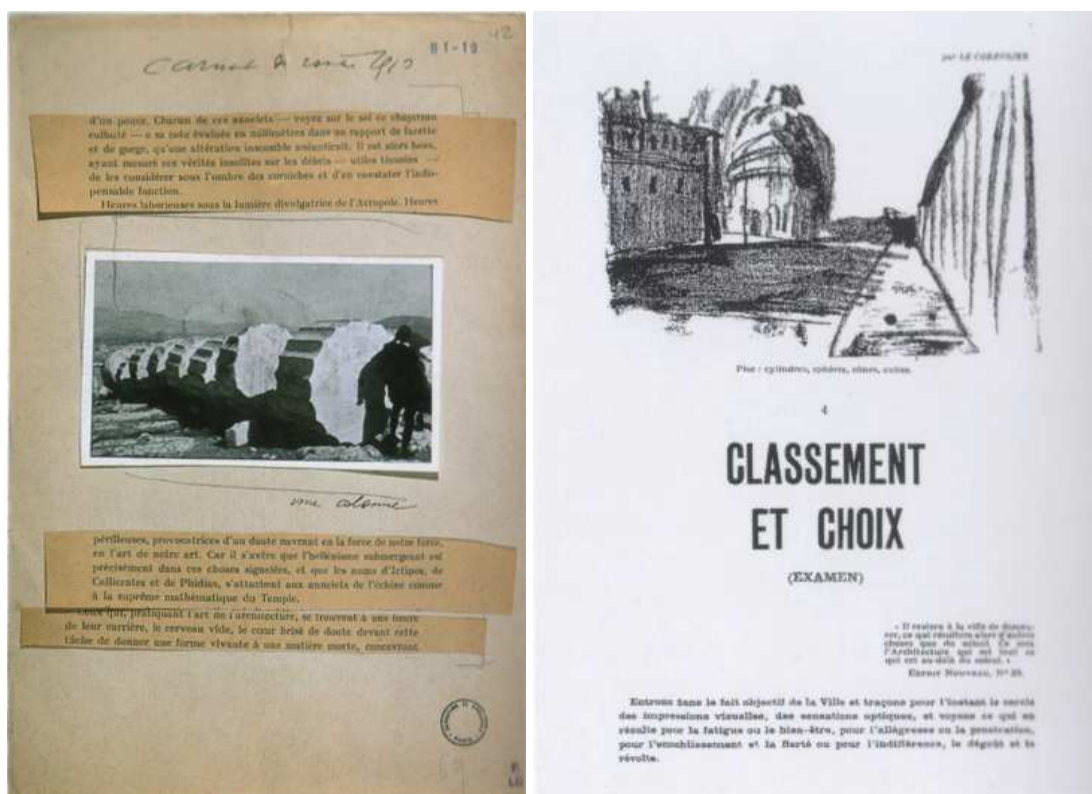


Figura 2. Carnet B4 (FLC)

Uma das hipóteses repousaria no entendimento de que tais viagens dentro de certo âmbito da Europa não se tornaram um problema, ou ainda um tema, para Le Corbusier. Malgrado o deslocamento geográfico, o afastamento do meio ‘familiar’ e, portanto, conhecido, Le Corbusier não parece problematizar tais experiências a ponto de merecer registro ou narrativa em formato de caderno.

De fato, os anos de 1920 serão anos de rearticulação de referenciais para si. Já decidido em partir definitivamente de La Chaux-de-Fonds em 1917, deixando para trás a vida ‘triste, cinza e provincial’ suíça, Le Corbusier escolhe Paris como a cidade para trabalhar e viver. Paul Turner já considera que será sobretudo entre os anos de 1917 e 1920 o momento no qual Le Corbusier se esforçará a ‘sintetizar os diversos elementos da sua formação para criar uma nova arquitetura’.<sup>8</sup>



Figuras 3 e 4 - Montagem do livro *Almanach d'architecture moderne*, 1925, uso da fotografia tirada em Acrópoles em 1911. Página do livro *Urbanisme*, de 1925, croquis de Pisa em 1911 (FLC)

Tais relatos de travessias e jornadas, enfim, seus desenhos e notas, vão alimentando artigos e livros em particular ao longo dos anos 1920. Até nos projetos de arquitetura, já extensamente discutido por diversos autores como o próprio von Moos, encontraremos nos discursos de Le Corbusier articulações referentes aos seus prévios registros de viagens. Certo, tais registros seriam uma espécie de ‘arquivo’ de uma experiência direta da arquitetura, uma retórica do discurso. E, na capital francesa, Le Corbusier começa a

<sup>8</sup> TURNER, 1977 c1987, p. 176

sua vida pública, como arquiteto e escritor, em defesa das artes plásticas, da arquitetura e do urbanismo moderno.

Em uma carta aos seus pais em 1921, Le Corbusier, exprime ser neste momento ‘um soldado sob a linha de tiro’, e não mais apenas o ‘espectador do mundo’ de quando tinha seus vinte anos. Ele prossegue:

*‘à Paris’, ‘il n’y a de raison que par l’ambition, l’ambition de faire bien, d’être le premier. Celui qui n’admet pas d’être le premier, ne vit pas de Paris. Paris est pour ceux qui arrivent à se battre pour les premières places, rares et convoitées. Il s’agit, bien entendu pour moi, des places dans l’idée et non dans l’argent. Si ce n’était le cas, où en serais-je aujourd’hui?’<sup>9</sup>*

Já no final dos anos 1910, Le Corbusier criará a revista *l’Esprit Nouveau* com Paul Dermée e com seu grande amigo na época e co-fundador do Purismo, Amedée Ozenfant. A revista seria assim um espaço onde ele escreve não somente os discursos sobre as artes e a arquitetura, posteriormente publicados em formato de livro – como o ‘*Vers une Architecture*’ e ‘*Urbanisme*’, por exemplo – mas também publica escritos cujos autores compartilhem o discurso sobre o vocabulário moderno, ou ainda convida seus contemporâneos a colaborar na EN. Logo nos primeiros números da revista em 1919, serão publicados os *Calligrammes* de Apollinaire (1918), os textos de Ivan Goll, *La nouvelle poésie allemande*, bem como trechos em francês traduzidos do livro *Ornament und Verbrechen* (1908), de Adolf Loos.<sup>10</sup>

É sob este contexto, já em 1918 e, sob o intermédio de Auguste Perret, que Le Corbusier frequenta o meio artístico de vanguarda parisiense. Neste momento ele se encontra com Braque, Gris, Picasso, Lipchitz etc. Em 1922, inicia sua colaboração com seu primo Pièrre Jeanneret e apresenta pela primeira vez no Salão de Outono o plano da ‘*Ville Contemporaine* de três milhões de habitantes’. É nesta década, portanto que as idéias e ações de Le Corbusier são compartilhadas com Blaise Cendrars, Fernand Léger e, a partir de 1927 com Charlotte Perriand.

Não é por acaso que Le Corbusier se aproxima do grupo dos artistas e intelectuais de vanguarda brasileiros durante esta década de 1920 e vice-versa. Mario de Andrade, por exemplo, será um dos brasileiros interessados em assinar a revista editada por Le Corbusier<sup>11</sup>. Em cinco de outubro de 1924, Mário recebe uma carta de Anita Malfatti, na época ainda residente em Paris, confirmando sua ida ao L’EN para resolver trâmites financeiros.

---

<sup>9</sup> Carta de LC escrita aos seus pais em 20 de março de 1921. FLC, R1-6-184

<sup>10</sup> Os *Calligrammes* de Apollinaire, bem como *La nouvelle poésie allemande* de Ivan Goll, serão publicados no L’Esprit Nouveau 1; *Ornement et Crime*, de A. Loos será publicado no L’EN 2

<sup>11</sup> As revistas L’EN adquiridas por Mário de Andrade encontram-se no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, IEB- USP.



*“Amanhã farei toda sua comissão\_Irei ao Esprit Nouveau e farei tudo conforme tua vontade sô que deixarei um restinho de carta para dizer-te do cheque o resto te escrevo e converso um pouquinho hoje pois estou disposta.*

*\_Contei que tenho 2 quadros no Salon d’Automme? Um é Interior de Igreja e outro uma passagem de Veneza. Os 2 feitos em Veneza. i.é. os croquis e notas lá mas a tela aqui (...)*<sup>12</sup>

Em dezembro de 1924, Anita expõe no 17o Salão de Outono no *Grand Palais*, os quadros ‘Canal de Veneza’ e ‘Interior de igreja’ (BATISTA, 2006, p.480). Le Corbusier, por exemplo, apresenta neste mesmo Salão, contudo cinco anos depois, os móveis e os projetos de *équipement intérieur d’une habitation*, em colaboração com Charlotte Perriand e Pierre Jeanneret. Assim como os contemporâneos brasileiros residentes em Paris, Le Corbusier vai frequentar e participar dos debates no meio artístico e intelectual francês. Enquanto que, em 1922, o arquiteto realiza a sua primeira conferência na Sorbonne, Oswald logra construir seu espaço para proferir a palestra “*L’effort intellectuel du Brésil contemporain*” na mesma instituição, porém logo no ano seguinte. Certo, havia um compartilhamento dos espaços de sociabilidade: os salões, as instituições de ensino etc.

#### 4. Antropofagia brasileira

Convidado por esta vanguarda brasileira em 1929, a viagem ao Brasil, todavia, ainda guarda algo de ‘aventuresca’. Não é por acaso que encontraremos na biblioteca pessoal de Le Corbusier, dois exemplos de publicações cujas narrativas referem-se às aventuras de um viajante solitário pelos mares, Alain Gerbault. Publicados Editora francesa Grasset em 1929, *Seul à travers l’Atlantique* e *A la poursuite du Soleil*, são relatos pessoais da experiência de cruzar o Atlântico em direção às Américas - presente no primeiro livro – e, posteriormente ao atravessar os oceanos Pacífico e Índico em direção ao Taiti<sup>13</sup>

*“Ce fut pour mon plaisir et pour me prouver à moi-même que je pouvais le faire que j’entrepris mon voyage d’Amérique (...) ce n’est que lorsque je me sentis prêt et que je fus certain de pouvoir supporter la fatigue morale et physique, que je partis pour la grande aventure. (...) Après quelques jours entre le ciel et l’eau, un atterrissage est toujours passionnant. Il semble miraculeux que la vue de la terre*

---

<sup>12</sup> Correspondência de 5 de outubro de 1924, Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, IEB- USP.

<sup>13</sup> Os livros *Seul à travers l’Atlantique* e *A la poursuite du Soleil*, adquiridos por Le Corbusier, fazem parte do acervo da Fondation Le Corbusier, FLC

*viene confirmer les calculs et que la terre soit exactement où elle doit se trouver.”*

A. Gerbault. *Seul à travers l’Atlantique*, 1929. Pag. 26; 36

*“Em quatorze dias um navio nos transporta ao outro lado do Oceano. Tivemos tempo de esquecer o tumulto continental; a solidão das águas acalmou-nos; eis-nos aqui intensamente receptivos; vamos conhecer um outro mundo.”*

*Le Corbusier. O espírito sulamericano, 1929.*<sup>14</sup>

Os desenhos de Le Corbusier, representando a chegada ao novo continente – as pedras arredondadas da cidade do Rio de Janeiro tocando as águas ou ainda a visão dos edifícios da cidade de Buenos Aires desde o mar – seriam, assim como as palavras de Gerbault, registros das poéticas do ‘espírito aventureiro’ do homem moderno.

*Tout le jour avait été calme et le coucher du soleil fut merveilleux. (...) J’admire ce magnifique spectacle, jusqu’à ce que le jour tombât. (...) Ce n’était pas trop de venir de 3.000 milles pour admirer un tel spectacle.*

A. Gerbault. *Seul à travers l’Atlantique*, 1929. Pag. 87

*Do avião presenciei espetáculos que poderia chamar de cósmicos. Que convite à meditação, que evocação das verdades fundamentais de nossa Terra!*

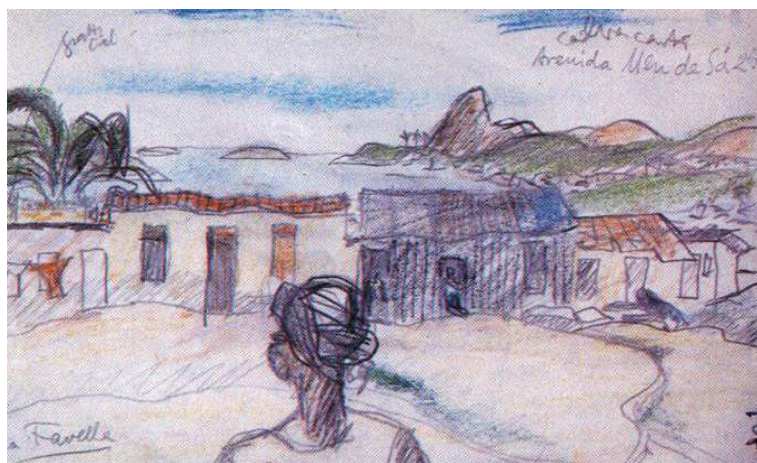
Le Corbusier, *Prólogo Americano*, 1929.

Como nas suas primeiras viagens, a dimensão ‘aventureira’ se faz acompanhar de uma reflexão, uma ‘busca’. Diferentemente de outrora, contudo, não há ‘guias’ e ‘gurus’ de viagem com uma ascendência assimétrica sobre Jeanneret, mas ‘convites a ver’ e ‘companheiros de viagem’ que, solidários, enfrentam suas experiências. De fato, Le Corbusier vai estabelecer uma relação com os artistas brasileiros, sobretudo através da amizade de Cendrars. Já em Paris, o arquiteto conhece Tarsila do Amaral, Oswald de Andrade, Di Cavalcanti e Paulo Prado (AMARAL, 1975). Este grupo de brasileiros serão, em particular, os anfitriões de Le Corbusier em sua visita ao Brasil em 1929.

*“Os jovens de São Paulo expuseram-me sua tese; somos ‘antropófagos’; a antropofagia era (...) uma comunhão com as melhores forças. (...) Os jovens paulistanos, auto-denominando-se antropófagos, querem expressar por isto que pretendem lutar contra a dissolução internacional, aderindo aos princípios heróicos cuja memória ainda está presente.”*

Le Corbusier, *Prólogo Americano*, 1929.

O gesto ‘antropofágico’ deste grupo fora igualmente compartilhado por Le Corbusier durante a década de 1920. Nestes anos entre 1923 e 1929<sup>15</sup>, um cruzamento de interesses, bem como uma empatia acerca de um modo de ‘estar no mundo’ aproxima estes atores. A vida seria um universo de possibilidades e criações. Talvez seja também sob o convite desestabilizante da ‘antropofagia’ que poderíamos melhor compreender os registros capturados em croquis, desenhos, escritos, etc, de uma miríade de vivências às quais Le Corbusier se abre em sua estadia no Rio: da abundância e volúpia das mulatas dos bordéus, do cotidiano das populações dos morros, ao espetáculo sublime da paisagem. Le Corbusier olha as moças bonitas que passam ao perambular pela noite boêmia nas ‘ruas destinadas aos marinheiros’, ouve o samba no pé dos morros, cheira o aroma da brisa que bate à sua janela no Hotel Glória, sente em sua pele a umidade do verão carioca e o prazer em tomar um banho de mar. Quase a totalidade de seus desenhos realizados na viagem evidencia este sentimento encarnado sobre a cidade, os homens e a natureza, os olhares próximos e distantes.<sup>16</sup>



Figuras 5 e 6. Carnet B4 - 276 e 287 (FLC)

<sup>15</sup> Di Cavalcanti desenha o retrato de Le Corbusier, datado de 1923 (Acervo MAC-SP). Este seria assim o ano do provável encontro e aproximação de Le Corbusier com os brasileiros residentes em Paris. Margareth Pereira já publica o desenho no livro ‘Le Corbusier e o Brasil’ e indica esta aproximação do arquiteto com os artistas e intelectuais brasileiros. In: Pereira, 1987, p.32

<sup>16</sup> As reflexões apresentadas aqui foram objetos de estudo mais aprofundados na dissertação de mestrado de Daniela Ortiz dos Santos, ‘Pequeno vocabulário de Le Corbusier: 1928-1929

A idéia de formação das primeiras viagens, predominantemente ‘educativa’, reprodutora e emulativa, por mais que também fosse crítica, cede lugar a uma formação muito mais profunda, aberta. Os conceitos estabelecidos, as opiniões e teorias vigentes, as Histórias, são compreendidos em sua própria historicidade. Não basta tomá-los emprestados, nem sequer simplesmente deles se apropriar, é preciso atualizá-los, julgados e (re)construídos a partir de um presente absoluto. O homem-presente estaria condenado a construir.

Tal exigência criativa se desdobra, como dissemos, no entendimento da noção de história, como uma sucessão de rupturas e novas possibilidades. Para Le Corbusier, assim como para Paulo Prado, a história seria como poesia, devendo ser ‘feita’, ‘escrita’ ou melhor, construída a cada dia, a cada minuto, incessantemente.

*“Esses países, Argentina - velha Castilha - Brasil - velho Portugal - chegaram ao momento em que querem projetar sua história. A história dos povos nada mais é que a expressão de um ideal contemporâneo, uma fabricação espiritual, que é como uma doutrina, uma descrição de si mesmo. A história não existe, ela é feita.”*

Le Corbusier. *Prólogo Americano*, 1929

*“Descrever com palavras laboriosamente extraídas dos clássicos portugueses e desentranhadas dos velhos dicionários, o pluralismo cinemático de nossa época, é um anacronismo chocante, como se encontrássemos num Ford um tricórnio sobre uma cabeça empoada, ou num torpedo a alta gravata de um dândi do tempo de Brummel. Outros tempos, outros poetas, outros versos. Como Nietzsche, todos exigimos que nos cantem um canto novo.”*

Paulo Prado, *Poesia Pau Brasil*, maio de 1924.

Desta forma, a viagem ao Rio de Janeiro marca para Le Corbusier uma nova modalidade de trans-formação de si próprio e do mundo que o cerca. O ‘espectador do mundo’ se torna nesse momento uma figura distante. Para bem além da antinomia do engajado ‘soldado na linha de tiro’ em defesa de um ‘Novo Espírito’, se funde reflexão e ação em um mesmo gesto. Talvez pudéssemos dizer que a ‘antropofagia’ representa uma outra face de domínios e escalas dos princípios dos ‘objetos à reação poética’, com os quais já vinha experimentando há vários anos.

De fato, apesar dos muitos gestos mais íntimos, o gesto público e notório do edifício em fita que congrega via expressa que desenha para o Rio atestam sobre um estreitamento, senão uma sincronia, do intervalo que costumava separar análise íntima e ação pública. Não há um tempo mais ou menos longo para ‘ordenar as idéias’ para então se propor um debate público de ideias e projetos. Mudar o sentido do mundo internamente, intimamente e propor uma mudança não apenas de sentidos, mas das condições materiais de vida coletiva dos homens.



Ao leitor atento, não terá escapado que esta atitude se filia a noção construtivista de *Bildung*, herdeira dos debates pós-kantianos dos autores de língua alemã do século XIX. As representações de Le Corbusier e seus ‘companheiros de viagem’ seriam ininterruptas ações e re-ações a partir de experiências com o mundo sensível. As noções de *Raum* (espaço) ou *Zweckmässigkeit* (intenção ou propósito) discutidas no campo da Historiografia da Arte nos grupos de língua alemã durante o século XIX e primeiras décadas do século XX, por exemplo, aparecem com bastante evidência em seus discursos nos anos 1920<sup>17</sup>.

*“De ces années outrancières de ma jeunesse, furieuse, enragée, enfiévrée et d’un aventureux romantisme, il ne m’est resté qu’un besoin inassouissable de dépaysement et de transplantation. (...) Si je me déplace sans raison, c’est pour perdre pied. Je puis fraterniser avec n’importe quel peuple de la terre, (...) partager leurs idées, adopter leurs préjugés (...) mais aussi (...) Tout a un retentissement en nous. (...) Moi, l’homme le plus libre du monde, je reconnais que l’on est toujours lié par quelque chose, et que la liberté, l’indépendance n’existent pas (...) L’action seule libère. Elle dénoue tout. (...) En attendant, je n’attends rien. Je méprise tout ce qui est. J’agis. Je révolutionne.”*

*Blaise Cendrars. Une nuit dans la forêt, Rio (Copacabana), Mars 1927*

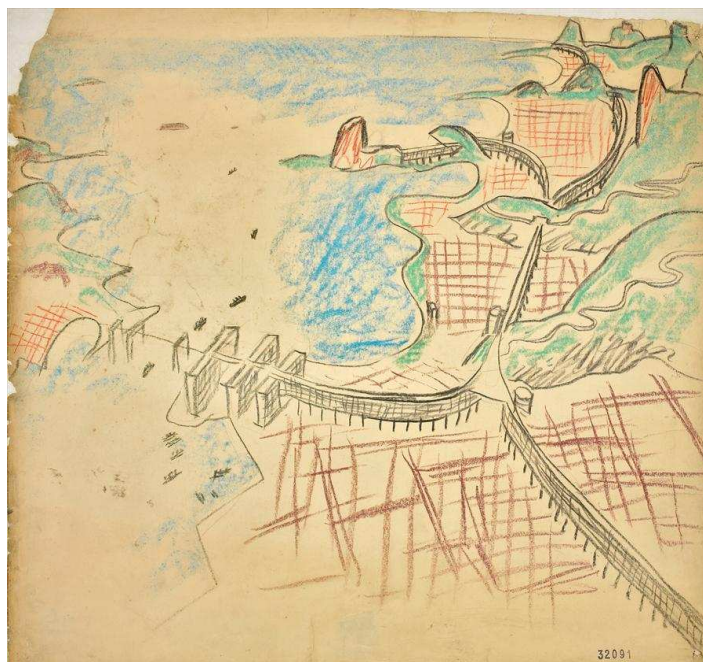


Figura 8. Projeto para a cidade do Rio de Janeiro, 1929.

<sup>17</sup> PEREIRA, 2004, p.220-245.

Podemos apenas supor que o jovem Jeanneret não havia imaginado quão mais radicais seriam suas aventuras na maturidade, como Le Corbusier! De fato, quando de sua viagem ao Brasil, se instaura um verdadeiro deslocamento de posições internas. O homem *'le plus libre'* deve julgar tudo a partir de uma tábula rasa, considerando que tudo pode, mas não necessariamente deve, ser construído *ex nihilo*. Contudo, não se trata de uma *criatio ex deo*, mas o defrontamento com a própria condição humana que nos condena e convida à criação a partir do e para o homem.

## 5. Corolário

Quais relações podemos tecer, portanto, entre o sentido que as viagens adquiriram na trajetória de Le Corbusier e sua prática enquanto arquiteto? Stanislaus von Moos entrevê uma relação direta entre Le Corbusier *voyageur* em sua qualidade cinética, dinâmica, em movimento e a concepção de *Promenade Architecturale* que desenvolve continuamente a partir do início da década de 20. Sob esta visada, se destaca o movimento como condição para a apreensão do jogo de volumes e superfícies na arquitetura, mas também as 'citações' formais literais a elementos de navios, trens, carros e aviões. A respeito desta arquitetura 'de viagem', recuperando Ernst Bloch, levanta a suposição de uma incongruência da arquitetura moderna com a ideia de 'lar' e 'familiar', a partir da negação de referenciais históricos (Von MOOS, 2002, p.23-24).

Ora, como vimos, as viagens de Le Corbusier vinham contribuindo na maturação do sentido atribuído ao deslocamento. O sentido cinético deixa de ter um valor per si, passando a ser subsidiário da experiência de deslocamento interno. Portanto, pensamos que é possível considerar que a articulação estabelecida com a arquitetura fosse mais essencial, visando mesmo esta segunda ordem de deslocamento. Talvez se movesse dentro de uma tradição romântica de pensar a arquitetura como arte do espaço - *Raumkunst* -, que encontra sua atualização na virada do século XIX, por exemplo com Alois Riegl (PEREIRA, 2004).

Decorre daí aventarmos que, na 'busca paciente' de Le Corbusier, a viagem ao Brasil marca um momento no qual a *Promenade Architecturale* se associa antes a uma arquitetura que chama o homem ao estranhamento, a vivenciar agudamente seu tempo e espaço, a explicitar as relações que o homem estabelece e a ajuizá-las. Teríamos aí, então, uma contradição aparente da ideia de uma arquitetura 'familiar' em face às ambições de uma arquitetura que quer ser 'convulsiva', instigar a desnaturalização e instaurar o estado de juízo: um convite a uma experiência do sublime.

*E eis aqui o que pensava na floresta de S. Martinho , á doze horas de trem do litoral, na direção do centro do Brasil: É preciso saber estar em estado de julgamento, sempre. (...) Saber estar em condições de julgar, sempre; apreciar; julgar por si mesmo; compreender as relações; criar uma sensação individual; tender ao inteiro desprendimento de sua pessoa, impor um constante recuo ao seu*

*'eu' material - é conquistar sobre a vida resultantes meditadas. Melhor que sofrer as limitações de uma época falida é oferecer em sacrifício perpétuo sua pessoa, lançar-se na aventura, jogar sua partida, sensibilizar-se diante de tudo, o coração sempre aberto ao outro.*

Le Corbusier, *Prólogo Americano*, 1929.

'Prólogo' e 'Corolário Brasileiro' seriam, portanto, arquiteturas em si, ao menos tanto quanto o projeto corbusiano para o Rio de Janeiro. Engendrado em décadas de 'busca paciente', em viagens por relevos e culturas diferentes, mas, sobretudo, testemunho de uma aventura obstinada do espírito sensível, é uma peça chave na compreensão do processo construtivo de si mesmo enquanto homem, sem o qual não se fez o arquiteto.

#### **Bibliografia:**

AMARAL, Aracy Abreu. **Tarsila: sua obra e seu tempo**. São Paulo: Perspectiva; Ed. da Universidade de São Paulo, 1975.

ANDRADE, Oswald. **Pau Brasil**. São Paulo: Globo, 2003.

BATISTA, Marta Rossetti. **Anita Malfatti no tempo e no espaço: biografia e estudo da obra**. São Paulo: Ed. 34; Edusp, 2006.

CENDRARS, Blaise. **Une Nuit dans la Forêt**. Paris: Denoel 1964.

FONDATION LE CORBUSIER. **Le Corbusier Sketchbooks**. Volume 1, 1914-1948. London: Thames and Hudson, 1981. GERBAULT, Alain. **Seul à travers l'Atlantique**. Paris: Grasset, 1929.

JENGER, Jean (intr. org). **Le Corbusier - choix de lettres**. Basel; Boston; Berlin: Birkhauser, 2002

LE CORBUSIER. **Por uma Arquitetura**. São Paulo: Perspectiva; Ed. da Universidade de São Paulo, 1973.

\_\_\_\_\_. **Precisões: sobre um estado presente da arquitetura e do urbanismo**. São Paulo: Cosac Naif, 2004.

\_\_\_\_\_. **Viagem do Oriente**. São Paulo: Cosac Naif, 2007.

\_\_\_\_\_. **Voyage d'Allemagne**. Carnets. Milano: electa spa; Paris: Fondation Le Corbusier, 2002

\_\_\_\_\_. **Voyage d'Orient**. Carnets. Milano: electa spa; Paris: Fondation Le Corbusier, 2002.

\_\_\_\_\_. **Urbanismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.



Von MOOS, Stanislaus. **Elements of a Synthesis**. Rotterdam: 010 publishers, 2009

Von MOOS, Stanislaus., et RÜEGG, Arthur (org.). **Le Corbusier Before Le Corbusier**. New Haven and London: Yale University Press, 2002

PAQUOT, Thierry; GRAS, Pierre.(Org.). **Le Corbusier Voyageur**. : L'Harmattan, 2007.

PEREIRA, M. A. C. S. **Le Corbusier e o Brasil**. São Paulo: TESSELA/PROJETO, 1987.

\_\_\_\_\_. **Quadrados Brancos: Lucio Costa e Le Corbusier - Uma noção moderna de historia**. In: Nobre, Ana luiza et al.. (Org.). Lucio Costa: **Um modo de ser moderno**. São Paulo: Cosac Naif, 2004, v. 1, p. -

\_\_\_\_\_. **Le Corbusier au Brésil, ou les expériences romantiques de la nature**. In: PAQUOT, Thierry; GRAS, Pierre.(Org.). **Le Corbusier Voyageur**. : L'Harmattan, 2007, v. 1, p. 105-124.

SANTOS, Daniela Ortiz dos. **Pequeno vocabulário de Le Corbusier: 1928-1929**. Dissertação (Mestrado), Rio de Janeiro: UFRJ/PROURB, 2009.

TURNER, Paul V.. **The Education of Le Corbusier**. New York: Garland Publications, 1977.